

aliás desprovida de "janelas", contribuir, individualmente de modo autônomo para o funcionamento harmônico do Todo, por sua vez, o liberalismo espera que a harmonia seja o produto da razão humana e dos esforços humanos. A concepção cósmico-religiosa duma grande e divina homofonia no concêrto das esferas irmanadas, vê-se agora substituída pela crença numa "harmonia humano-terrestre dos interesses", que garante neste mundo a maior felicidade possível ao maior número de indivíduos.

O interesse pessoal do indivíduo e a livre concorrência dos esforços, eis as duas forças que fazem nascer essa harmonia geral e a mantêm. "O interesse pessoal" lemos nas "Harmonies économiques" de Bastiat, "constitue a força individual irresistível, que nos leva a ir em busca do progresso e descobri-lo, que nos esporeia os flancos, mas que nos faz também monopolizar o progresso realizado. A concorrência é essa outra força humanitária invencível, que arranca das mãos do indivíduo isolado, o progresso apenas realizado por êle, a fim de torná-lo um bem hereditário da grande família humana. Êsses dois fatores em conjunto, graças à sua ação recíproca, constituem a harmonia social".

A harmonia dos interesses manifestar-se-á numa compreensão recíproca entre os diversos indivíduos, as diversas profissões e as diversas classes. A aquisição das riquezas, alcançada anteriormente, na maioria dos casos, graças à violência e à injustiça, terá de basear-se futuramente no proveito recíproco. Os antagonismos aparentes entre os interesses, deverão ser resolvidos harmônicamente por meio de discussão pública na imprensa e nas assembléias que representam o povo. O liberalismo espera também que esta nova mentalidade traga uma cooperação harmônica geral fora das fronteiras dos Estados. Pois, uma vez que o mundo houver compreendido que cada Nação representa um indivíduo dentro da grande sociedade das Nações, cuja prosperidade traz benefício para todos, as lutas pelo poder e as guerras têm de desaparecer, por si mesmas para sempre e uma grande liga universal reunirá todos os Estados numa união harmônica.

"Para que tudo ande à perfeição e para que as intenções da natureza se realizem", proclama Adam Smith, num dos seus discursos, "basta que, nos negócios humanos, deixemos a natureza cumprir sua obra". A crença de que o homem é bom por natureza e de que somente pode agir bem uma vez que se encontre numa condição livre de qualquer opressão e de qualquer êrro, essa idéia fundamental da "Aufklärung" ainda se conserva bem viva na era liberal.

\*.\*

Os escritos que saíam do gabinete de estudos de Bentham para se espalharem pelo mundo não influíram menos sobre êste do que as proclamações e os decretos do imperador dos franceses. E' dêle que

Talleyrand dizia: "Despojado por todos, ainda continua sempre rico". As idéias do filósofo inglês provaram ter uma força conquistadora que lembrava as expedições vitoriosas de Napoleão, sobrepujando-as mesmo pela durabilidade.

Em primeiro lugar, foram os novos povos da América do Sul, cuja consciência autônoma acabava de despertar, que tentaram "expurgar" suas revoluções, inspirando-se na obra napoleônica e no sistema constitucional de Bentham. Foram êles os primeiros que tentaram salvar do "abismo da anarquia" a idéia de igualdade e realizar a "maior felicidade do maior número".

Com efeito, os lenços de algodão em que eram impressos os artigos dos "direitos do homem" e que a Assembléia Nacional havia mandado para todos os continentes, tinham por toda parte agitado as raças e os povos oprimidos, de Atenas até Lima. Em cada lugar, haviam repetido as declamações dos homens da Revolução, haviam copiado ou imprimido outra vez com grosseiros caracteres talhados na madeira.

Aquí, no México, é o sacerdote Miguel Hidalgo, que, do púlpito da aldeia de Índios, Dolores del Laja, faz ouvir o "grito de dôr" dos nativos escravizados e dá assim o sinal das sangrentas lutas pela liberdade. Em Buenos Aires, como em Quito, os crioulos se levantam contra o govêrno colonial espanhol. Dos pampas ocorrem os gaúchos, das alturas dos Andes precipitam-se os índios para a região costeira e todos exigem os direitos do homem. Dalí em diante, os planaltos, as florestas e as cidades da América do Sul já não têm mais sossêgo.

E, exatamente como no solo da França, os postulados abstratos da revolução também no Novo Mundo conseguem tão somente desencadear a tempestade, destruir o antigo, provocar carnificinas e tiranias terroristas. Por toda parte, repete-se o que sucedera na França. Segundo os motes chegados da Europa, em Buenos Aires, constituiu-se um Diretório; no Paraguai nomeiam-se cônsules; aquí e acolá cadafalsos surgem da terra.

Gaúchos transformam-se em Dantons e em Robespierres. Mal se alça um "libertador" com o leme do Estado e eis que já surge um "partidário do statu quo" para disputar-lhe o poder. A êste segue-se logo um "defensor das conquistas revolucionárias", até que quasi em cada um desses países assolados por guerras civis, aparece qualquer Napoleão da planície para fazer as vezes de "expurgador da revolução" e de "ordenador do caos".

Tôdas essas colônias, libertadas da metrópole, tendo agora de decidir, de modo autônomo, a ordem política e social que há de regê-las, empenham-se em organizar-se segundo princípios liberais. Depois da embriaguez delirante dos direitos do homem despertada outrora